
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

NATALIA PIVETTA

**A PRÁTICA EDUCATIVA EM ARTE NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**



Rio Claro
2012

NATALIA PIVETTA

A PRÁTICA EDUCATIVA EM ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientadora: Maria Isabel Nogueira Tuppy

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2012

370 Pivetta, Natalia
P693p A prática educativa em arte na educação infantil / Natalia
Pivetta. - Rio Claro : [s.n.], 2012
52 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura -
Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Maria Isabel Nogueira Tuppy

1. Educação. 2. Metodologia do ensino de arte. 3.
Arte-Educação. 4. Atividades com a arte. I. Título.

Dedico este trabalho em especial aos meus pais, base para tudo na minha vida.

E a todos os profissionais da educação, para que assim reflitam diante da sua prática pedagógica e acreditem no potencial educativo da arte.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, pois ele sempre esteve presente nessa minha caminhada perante a vida, e é o responsável por tudo nela.

Também agradeço com muito carinho aos meus pais, à minha família que sempre me apoiaram, incentivaram e torcem por mim, agradeço por tudo o que fizeram e o que fazem por mim, pelo incentivo e por todo o carinho, muito obrigada!

Um agradecimento em especial a minha querida orientadora Maria Isabel Nogueira Tuppy, carinhosamente chamada de “Bel”, por toda a sua dedicação, seu apoio, por toda paciência e disposição, e também pelos ensinamentos e pela grande contribuição na realização desse trabalho.

Agradeço também a todos os meus amigos pelas palavras de apoio, pelo incentivo e por serem essas pessoas especiais na minha vida.

Aos anos vividos dentro da Unesp, aos professores e as novas amizades que fiz, que trouxeram experiências, vivências que ficaram marcadas para sempre em minha vida.

Obrigada a todos, de todo o coração!

Natalia Pivetta

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo a prática educativa em arte na educação infantil, focando em atividades que concedam ao aluno liberdade de ação e leve ao desenvolvimento emocional e intelectual. As aulas de arte muitas vezes resumem-se a um produto estereotipado, copiado, festivo, e não a um processo provocador, instigador da criatividade original. Considerando a importância de um trabalho efetivo com Arte na Educação Infantil, pretendo levantar atividades, que estejam de acordo com os referenciais teóricos e que fomentem o desenvolvimento da criatividade das crianças, oferecendo, aos professores desse nível de ensino, facilitadores para o trabalho com arte.

Palavras – chave: Arte-educação; Educação Infantil; Metodologia do Ensino de Arte.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. A CRIANÇA E O SEU COTIDIANO: OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ARTE.....	09
2.1. A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA.....	13
3. A ARTE COMO CONHECIMENTO, TAMBÉM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
4. ARTE NA ESCOLA.....	21
4.1. O PROFESSOR.....	25
5. ATIVIDADES.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

É na infância que ocorrem os primeiros contatos com a arte, e as crianças dessa faixa etária são curiosas, aguçadas por novas descobertas, se aventuram em um mundo desconhecido, não têm medo de criar, estão dispostas a aprender e conhecer o mundo à sua volta.

Segundo Ernst Fisher (1973, np. apud UNICSUL, 1995, p.54), “a arte é o meio indispensável para a união do indivíduo com o todo (com o universo) reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias”. Sendo assim a arte assume um papel fundamental para a formação de outras possibilidades do sujeito se relacionar com o mundo.

O trabalho com arte na educação infantil é de extrema importância, pois nesse processo de aprendizagem, a criança traça um percurso de criação e construção individual, desenvolvendo o pensamento artístico, a percepção estética, a imaginação, expressando os seus olhares sobre o seu cotidiano.

Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida. Conseqüentemente, ao compreender e encaminhar os curso de Arte para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estaremos ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive (FUSARI e FERRAZ, 1999, p.56 e 57).

Sendo assim, a arte é vista como uma atividade do ser humano que envolve a tentativa de se relacionar com o mundo e consigo mesmo, além de se constituir modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, quando estes interagem com o mundo em que vivem.

Buoro (2003, p. 25) afirma que a arte é “[...] um produto de embate homem/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece”. A arte faz com que o indivíduo pense e repense o seu universo.

O estudo de arte visa favorecer e estimular as potencialidades e processos criativos, propiciando a vivência da experiência artística e concedendo ao aluno liberdade de ação, contribuindo assim para a construção do conhecimento sensível da criança, ampliando suas leituras de mundo.

Viktor Lowenfeld (1977) ressalta:

A ARTE desempenha um papel potencialmente vital na educação das crianças. Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo todo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura; proporciona parte de si própria: como pensa, como sente e como vê. Para ela, a arte é atividade dinâmica e unificadora. (LOWENFELD, 1977, p.13).

Portanto a arte é o movimento na dialética da relação homem-mundo, é a representação do mundo cultural com significado, é o conhecimento do mundo, expressão dos sentimentos, da energia interna que se manifesta, simboliza.

A arte tem grande potencial e na educação infantil, especificamente, pode fomentar o desenvolvimento da expressividade, da criatividade e da imaginação, elementos que desempenham um papel essencial para o desenvolvimento da inteligência, contribuindo para a formação do indivíduo, para que ele seja o sujeito do seu próprio desenvolvimento criativo e crítico.

A criança de alguma forma expressa seus sentimentos, representa seus desejos através do desenho, da música, da dança ou do teatro, colocando em evidência sua personalidade. A criança sem o devido contato com a arte tem uma aprendizagem limitada, escapando do faz-de-conta, das cores do seu mundo, dos gestos e das luzes, dos benefícios que a arte proporciona.

Esse objetivo da arte que é o de ajudar a criança a se desenvolver livremente, estimular a sua criatividade e a sua expressão, desenvolvendo assim sua sensibilidade, sua percepção, sua imaginação, pouco tem sido explorado nas escolas, pois as aulas de arte muitas vezes resumem-se a um produto

estereotipado, copiado, festivo, e não a um processo provocador, instigador da criatividade. A escola trata o conhecimento como objeto rígido que não pode ser penetrado com os instrumentos da emoção, da sensibilidade, da imaginação, da invenção, conseqüentemente, tende a prejudicar o entusiasmo das alegrias criativas.

São muitos os benefícios que a arte proporciona no desenvolvimento infantil e mesmo a escola tendo limites e dificuldades, ainda assim há possibilidade de a ação educativa em arte ser quantitativa e qualitativamente bem feita, por isso a função do professor vai além de ministrar aulas, cabe a ele também valorizar os conhecimentos e a criatividade que os alunos trazem para a sala de aula, compreender a importância do ato das crianças explorarem, pesquisarem e criarem novas coisas.

O estudo da arte oportuniza aos indivíduos o acesso à arte como linguagem expressiva, individual ou grupal, e como forma de conhecimento. Por isso traz a necessidade de uma metodologia, uma prática eficiente em arte, com atividades que estimulem esse potencial criativo das crianças, para que não seja meramente uma transmissão de conteúdos.

Diante do mau-uso que normalmente se faz das aulas de arte e considerando a importância de um trabalho efetivo com Arte na Educação Infantil, este trabalho tem como objetivo geral investigar, analisar e refletir acerca da prática educativa em arte na educação infantil, tendo como finalidade buscar atividades que concedam ao aluno, não apenas, liberdade de ação, mas atividades que possam auxiliar no desenvolvimento emocional e intelectual, e que, ao mesmo tempo, possam se constituir num facilitador do trabalho dos professores.

Para a concretização desse trabalho levantaram-se objetivos específicos que estão dispostos em quatro capítulos. O primeiro capítulo refere-se aos primeiros contatos que a criança tem com a arte, relatando a importância que essa interação entre a criança e o seu meio tem para a sua aprendizagem. Também fala sobre a expressividade infantil, mesmo não sendo o único foco de trabalho com arte, relatando a importância da espontaneidade infantil. O segundo capítulo

é destinado à análise da importância da arte na educação infantil. O terceiro capítulo discorre sobre o ensino da arte nas escolas e qual o papel do professor para desenvolver um trabalho significativo com a arte. O último capítulo é destinado às atividades que podem ser feitas com as crianças da educação infantil, atividades que fomentem o desenvolvimento da criatividade nas crianças e um trabalho eficaz em arte.

A metodologia utilizada para a realização desse trabalho de conclusão de curso é a do tipo investigativa explicativa, através de pesquisa bibliográfica busca chegar a novos entendimentos acerca de um material já elaborado sobre determinados assuntos, ou seja, uma atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas já publicadas, como livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados na internet. Portanto não se trata de uma mera repetição do que já foi dito, pois ela propicia o estudo de um tema sob uma nova abordagem, oferece meios para explorar novas áreas, chegando assim a conclusões inovadoras.

2. A CRIANÇA E O SEU COTIDIANO: OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ARTE

OS PRIMEIROS anos de vida são, provavelmente, os mais decisivos no desenvolvimento da criança. Durante esse período inicial, ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como ser, tudo o que irá ter reflexos em sua vida inteira. A arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e o seu meio que inicia a aprendizagem. Embora pensemos, geralmente, que a arte começa com o primeiro rabisco que a criança faz, num pedaço de papel, na realidade, principia muito mais cedo, quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente, e a criança reage a essas experiências sensoriais. Tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar, enfim, qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é, de fato, a base essencial para a produção de formas artísticas, quer se trate de nível infantil ou de artista profissional. (LOWENFELD, 1977, p.115).

Desde a infância a criança já começa a interagir com as manifestações culturais devido ao fato de que, por nascer em um meio de cultura, desde cedo ela

incorpora seus aspectos peculiares, ou seja, ela já passa a viver em um mundo que tem uma história social de produções culturais, portanto ela participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, e através dessa interação sujeito/mundo vai aprendendo a demonstrar o prazer e o gosto por imagens, objetos, músicas, jogos, histórias, movimentos e informações, por meio de conversas, livros ilustrados, exposições, televisão, revistas, cartazes, vitrines, ruas, etc. A criança demonstra, de forma mais genuína, a capacidade de maravilhar-se diante da vida.

Portanto o meio natural no qual a criança está inserida oferece muitos estímulos para a apreciação da arte, seja uma colcha da vovó, pichações nos muros, cantigas de roda, danças, entre outros, não havendo a necessidade segundo Barbosa (2005) de ter tido um curso de apreciação artística no colégio ou uma atividade de batik na faculdade para admirar a beleza do mundo, como um belo pôr-de-sol, um oceano verde-azulado. Esses estímulos, que o meio natural oferecem, proporcionam esse prazer, esse encantamento, essa apreciação do belo. Em qualquer idade a criança tem capacidade para vislumbrar as variantes formais, estruturais e cromáticas existentes no mundo no qual ela vive.

A criança participa de diversas maneiras das manifestações sócio-culturais, conseqüentemente, é capaz de reelaborá-las, de reconstruí-las em seu imaginário, formando assim idéias e sentimentos sobre as mesmas, o que se constitui numa forma de construção do seu próprio conhecimento, a partir da interação com os outros e com o mundo dos objetos. De acordo com Pillotto (2007), o sentido e o significado que as crianças dão aos objetos, às situações e às relações passam pela impressão que elas têm do mundo, de seu contexto histórico e cultural, dos afetos, das relações inter e intra-pessoais. Muitos dos fenômenos são observados e traduzidos como elementos de magia e mistério. Assim a percepção corpórea e a imaginação compõem o quadro necessário para que a criança possa dar uma explicação plausível acerca de determinado acontecimento. Os conhecimentos sobre o mundo natural são construídos através de relações e de uma teia de significados dados pela prática social dos diversos grupos.

A atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, quanto mais veja, escute e experimente quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será o material de que a imaginação dispõe.

Segundo Vygotsky (2009) a imaginação criadora é proveniente da capacidade de fantasiar situações, ou seja, o indivíduo irá criar segundo a sua capacidade de imaginar e fantasiar com base numa série de fatores, como por exemplo, a experiência acumulada enquanto um produto de sua época e de seu ambiente.

Desta forma, percebe-se a forte influência que a imaginação e a fantasia exercem sobre a atividade criadora, que aos poucos irá ser desenvolvida a partir dos conhecimentos construídos individualmente e socialmente, de tal maneira que os estímulos do meio ambiente atuem imperativamente sobre a capacidade imaginativa e criativa de cada um. Vygotsky salienta que não podemos examinar a criação como dissociada dos elementos da cultura, uma vez que a imaginação ou a fantasia nutrem-se de elementos tomados da cultura e da experiência pessoal, por isso para desenvolver a capacidade criadora na criança, devemos ampliar sua experiência cultural.

Quando, baseando-me nos estudos e relatos dos historiadores e dos viajantes, imagino de mim para mim o quadro da Grande Revolução Francesa ou do Deserto do Sahara, tanto num caso como noutro, o panorama que obtenho é fruto da função criadora da imaginação. Esta não se limita a reproduzir o que assimilei de experiências passadas, mas cria, a partir delas, novas combinações. (VYGOTSKY, 2009, p.19)

Esta forma de conjunção só é possível graças à experiência alheia ou social. Se ninguém tivesse visto nem descrito o deserto africano e a Revolução Francesa, seria absolutamente impossível a alguém formar uma idéia clara de um e de outra. É só porque em ambos os casos a minha imaginação trabalha, não livremente, mas guiada por experiências alheias, como que dirigida por outros, é só graças a essa circunstância que posso conseguir o resultado obtido no caso presente, no qual o produto da fantasia concorda com a realidade. (VYGOTSKY, 2009, p.20)

A imaginação depende da experiência, experiência que a criança vai acumulando e aumentando, adquirindo através desse contato com o ambiente natural, social. Cada objeto, cada elemento do seu cotidiano é uma nova experiência que o mundo lhe oferece e frente ao qual a criança atua.

Já se tomou consciência da solidariedade existente entre a ambiência e o indivíduo, este não podendo existir sem aquela, sendo entretanto o indivíduo capaz de também modificar o meio... O porvir da educação se encontra na disposição desses meios. Nada mais eficaz que a ação exercida sobre a criança e igualmente sobre o homem, através do ambiente. (WALLON, 1959 apud FERRAZ, 1999).

É evidente que a criança já vivencia a arte produzida pelos adultos, e essa arte exerce fortes influências estéticas e artísticas, e o indivíduo assim pode interagir de diferentes maneiras. Tal interação com o mundo adulto amplia-se com todos os novos meios de comunicação: televisão, vídeo game, computador, etc. Sendo assim, a criança apropria-se das imagens, sons e gestos contidos nas mensagens veiculadas através da mídia e, por exemplo, nos momentos de brincadeiras, as crianças revivem seus personagens preferidos da televisão, cantam músicas que escutam nas rádios, reelaborando e reutilizando essas “informações” na maioria das vezes de uma maneira pessoal.

O trabalho de intermediação em arte, por conseguinte, não deve só nas produções culturais materiais e imateriais como objetos de arte e artesanato, pichações nos muros, cantigas de roda, danças, mas deve também focalizar nesse universo tecnológico, nas mídias, na comunicação visual e musical, entres outras, que também alimentam esse tipo de produção.

Vale ressaltar a importância de educar-se para a crítica, para uma melhor consciência do relacionamento com os outros, com a produção cultural, educando assim a capacidade de julgar, avaliar as atividades e as experiências em todas as linguagens consideradas como meio de expressão e comunicação. E é muito importante também que o educador saiba analisar as imagens, sons, cenas que estão presentes no cotidiano das crianças de hoje, para que assim possa buscar

maneiras de contribuir com o desenvolvimento da parte que lhe compete na formação educativa, individual e coletiva na infância, levando em consideração as experiências dos alunos com a natureza e culturas cotidianas e que garanta a ampliação destes e de outros saberes.

2.1 A ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DA CRIANÇA

A arte é frequentemente considerada a mais elevada forma de expressão humana. A criança se exprime naturalmente, tanto do ponto de vista verbal, como plástico ou corporal, e sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. O desenvolvimento expressivo da criança resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente.

Fusari e Ferraz em seu livro “Arte na Educação Escolar” ressaltam que:

[...] O processo expressivo é, então, gerado pelo sentimento resultante de uma síntese emocional que, por sua vez, origina-se de estados tensionais, provocados por forças de ordem interna e externa: são relações entre o sujeito e as coisas, o subjetivo e o objetivo, o ser sensível e o símbolo. (p. 23).

A criança utiliza uma linguagem simbólica para expressar a sua realidade, e vai desenvolvendo desde pequena, uma linguagem própria, traduzida em signos e símbolos saturados de significação subjetiva e social.

Só através da simbolização o homem está capacitado a transcender o universo, a dar-lhe sentido, a tomar as dimensões temporais (presente/passado/futuro) e espaciais. Ele não precisa ir à África para entendê-la conceitualmente. Basta ouvir falar dela, ler sobre ela que a sua imaginação se encarregará de recriá-la, de representá-la, não apenas de forma discursiva, mas, também, expressiva, ou seja, através das artes nem sempre passíveis de significação conceptual. É assim que o sentir e o simbolizar se relacionam e se articulam já que o nosso repertório verbal não consegue, sozinho, descrever a beleza e o colorido da nossa imaginação. (UNICSUL, 1995, p.23)

Portanto, a expressão infantil é a mobilização para o exterior de manifestações interiorizadas, que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos.

O desenvolvimento da expressividade resulta das elaborações, percepções e sentimentos que são vivenciados pela criança intensamente, a partir do contínuo contato com o ambiente natural e social, com as pessoas e que vão de alguma forma aperfeiçoando seus pensamentos, suas descobertas, o fazer em arte.

“Em seu trabalho, a criança constrói noções a partir das vinculações que estabelece com o que foi percebido nas suas experiências sensoriais e motrizes”. (PILLAR, 1988, p.16).

A acumulação desse conhecimento da realidade, dessas impressões do ambiente que a rodeia, é que vai constituir-se como base sobre a qual se organizam suas habilidades perceptivas e expressivas. A auto-expressão pode contribuir para o desenvolvimento do eu, como importante ingrediente da sua experiência. As crianças necessitam ver a si próprias como seres dignos de enfrentar o ambiente complexo em que se encontram.

O contato com a arte fornece experiências que ajudam a desenvolver a reflexão, os sentimentos, as emoções, possibilitando a expressão através de um desenho, de uma música, de uma pintura, de uma representação de papéis, etc. A criança desenha, dança, atua, pinta, de acordo com seus conhecimentos, sua observação e sua experiência, através da sua percepção de mundo. Os desenhos e as pinturas infantis são expressão da personalidade, leitura de mundo e de si mesma, resultado de elaboração mental e entendimento próprio do que a cerca, ou do objeto retratado. A partir do momento que ela cria, produz, constrói e reconstrói pinturas, desenhos, esculturas, danças e interpretações, reflete sobre o mundo fazendo automaticamente sua própria história. É preciso que “mergulhemos” nesse mundo expressivo infantil para compreender o processo de conhecimento da arte pela criança, procurando saber o porquê e como ela o desenvolve.

Para a criança, a arte é algo muito diferente e constitui, primordialmente, um meio de expressão. Não existem duas crianças iguais e, de fato, cada criança difere do seu eu anterior, à medida que constantemente cresce, que percebe, que compreende e interpreta o seu ambiente. A criança é um ser dinâmico: para ela, a arte é uma comunicação do pensamento. Vê o mundo de forma diferente daquela como representa e, enquanto desenvolve, sua expressão muda. (LOWENFELD, 1977, p.19)

Portanto é de grande importância propiciar à criança esse contato com a arte, para que assim desde pequena ela faça leituras de mundo que vão auxiliá-la na construção de símbolos e da representação. Deve-se conduzir o ensino da arte estimulando o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança, contribuindo assim para a melhoria da sua expressão e participação no ambiente cultural em que vive.

Considerar a expressividade da criança por este ângulo significa entendê-la como um processo de articulação interna e de inter-relação com os outros e a ambiência. Com efeito, é sempre em contínuo contato com as pessoas e as coisas que a criança aprimora seus pensamentos, suas descobertas e seu fazer em arte. Não se trata então, de um processo isolado, mas de ações em reciprocidade, quando a criança internaliza os conhecimentos, vinculando-os às suas experiências de vida pessoal e cultural. (FUSARI e FERRAZ, 1999, p.55).

A criança, apesar de se constituir como um ser contemplativo, precisa de muita ação, e também do jogo e das brincadeiras. As atividades lúdicas, o faz de conta são imprescindíveis para o desenvolvimento de sua expressão.

O comportamento das crianças em atividades lúdicas, permite observar “ que elas sentem e percebem o canto dos pássaros, o perfume das flores, o ronco dos aviões, o farfalhar das folhas, o zumbido dos insetos(...). Mas elas, também, sentem e percebem a poluição, a injustiça, a fome, o frio, a dor.” (UNICSUL, 1995, p.23).

As crianças se expressam, elas sentem e sofrem, e é neste envolvimento, neste experienciar o mundo, que ocorre a aprendizagem impregnada de sentimentos e emoções.

A arte então é conhecimento, expressão e construção, é um conhecimento a ser construído, enquanto linguagem a ser experimentada e fruída, é a expressão a ser exteriorizada e refletida, levando o aluno a construir, experimentar, expressar e refletir sobre si e o mundo, colaborando assim para o desenvolvimento do ser humano. A arte transforma quem faz, quem vê e a própria matéria usada. Sendo assim, a arte vai além do contágio, é um fazer humano, é uma prática, e como prática, tem uma finalidade, um objetivo, uma intenção.

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18).

3. A ARTE COMO CONHECIMENTO, TAMBÉM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Primeira etapa da vida, a educação infantil tem como responsabilidade promover o bem estar físico, afetivo, social e intelectual das crianças, e a arte é um meio pelo qual podemos promover esses bens, pois através dela como vimos nos capítulos anteriores, é possível propiciar a reorganização de conhecimentos no plano cognitivo e no das relações afetivas, bem como a interação do indivíduo com os grupos sociais e a cultura pela amplificação de seus horizontes interacionais e pelas múltiplas possibilidades de interpretação dos universos em que está inserido. Portanto, assim como Read (2001), devemos ver a arte como a base da educação.

A criança é um sujeito histórico e social, que faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade que têm uma determinada cultura, em um determinado momento histórico, desse modo a instituição de educação infantil deve tornar acessíveis, a todos as crianças que a frequentam, elementos da cultura que enriqueçam o seu desenvolvimento e inserção social.

A educação dessas crianças deve propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, garantindo também o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Barbosa (2005) assim se expressa, avaliando o ensino de arte no Brasil:

O ensino da arte no Brasil na escola primária e secundária se caracteriza pelo apego ao espontaneísmo, ou pela crença na existência de uma virgindade expressiva da criança e na idéia de que é preciso preservá-la, evitando o contato com a obra de arte de artistas, especialmente suas reproduções, acreditando que esta apreciação incentivaria o desejo da cópia. Com esta atitude impede-se o consumo da imagem de mais alta qualidade, aquela que é produzida pela arte, e mantém-se a criança imersa no mundo de imagens produzidas apenas pela indústria cultural. A inevitável mimese visual é exercida, portanto, sobre as histórias em quadrinhos, as ilustrações dos livros didáticos (em geral de baixa qualidade estética) e, principalmente, sobre as imagens de TV. (p.12)

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), o volume três intitulado “Conhecimento do Mundo” traz três capítulos “Movimento”, “Música” e “Artes Visuais”. Nestes, existem orientações didáticas, critérios de avaliação e bibliografia especializada, que se constituem rica fonte de consulta para os arte-educadores e para todos os professores que reconhecem a grande importância da arte na educação.

As Artes Visuais são uma forma muito importante de expressão e comunicação humana, e estão presentes no dia-a-dia das crianças, pois são feitas de forma bem simples como desenhar, rabiscar, pintar, modelar, podendo ser feitas de diversas maneiras, com diversos materiais em diversos lugares. Dessa forma, elas se consolidam como uma forma muito importante de expressão, comunicação humana e está muito presente na educação infantil. Porém, segundo o RCNEI, esse encontro das Artes Visuais com a educação infantil vem demonstrando o desencontro entre prática e teórica, prejudicando assim esse

trabalho, pois em muitas propostas pedagógicas, as Artes Visuais são consideradas como uma prática meramente decorativa, sem significado.

Segundo o RCNEI várias pesquisas foram desenvolvidas a partir do início do século em diferentes campos da ciência que trouxeram importantes contribuições sobre o desenvolvimento infantil, o seu processo criador e as artes de várias culturas.

Tais orientações trouxeram inegável contribuição para que se valorizasse a produção criadora infantil, mas o princípio revolucionário que advogava a todos a necessidade e a capacidade da expressão artística aos poucos transformou-se em “um deixar fazer” sem nenhum tipo de intervenção, no qual a aprendizagem das crianças pôde evoluir muito pouco. (BRASIL, 1998, p.87).

Dessa forma o trabalho com as Artes Visuais na educação infantil deve ser repensado, reorganizado, reformulado dentro dos espaços educacionais, para que assim não se perca essa grande via de conhecimentos, esse grande potencial enriquecedor: o desenvolvimento da imaginação, da expressão e da sensibilidade.

A aprendizagem das Artes Visuais no âmbito prático e reflexivo se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos (BRASIL, 1998, p.89):

- ✓ fazer artístico — centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal;
- ✓ apreciação — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando-o tanto aos elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores;

- ✓ reflexão — considerado tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas.

O pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a cognição e a intuição devem então ser trabalhadas com o intuito de favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças respeitando as faixas etárias bem como o nível de desenvolvimento.

O RCNEI (BRASIL, 1998, p.95) relata objetivos para organizar a prática educativa em arte, visando garantir oportunidades para que as crianças sejam capazes de:

Crianças de zero a três anos:

- ✓ “Ampliar o conhecimento de mundo que possuem, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e entrando em contato com formas diversas de expressão artística”;
- ✓ “Utilizar diversos materiais gráficos e plásticos sobre diferentes superfícies para ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação.”

Crianças de quatro a seis anos:

- ✓ “Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais) com as

quais entrem em contato, ampliando seu conhecimento do mundo e da cultura”;

- ✓ “Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.”

Os conteúdos propostos pelo RCNEI (BRASIL, 1998, p.97) estão organizados em dois blocos: o primeiro destinado ao fazer artístico, e o segundo destinado à apreciação em artes visuais.

Bloco do fazer artístico

As crianças de zero a três anos devem:

- ✓ Explorar e manipular diversos “materiais, como lápis e pincéis, de diferentes texturas e espessuras, brochas, carvão, carimbo etc.”, diversos “ meios, como tintas, água, areia, terra, argila etc.,” e “variados suportes gráficos, como jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeiras.”
- ✓ Explorar e reconhecer “diferentes movimentos gestuais, visando a produção de marcas gráficas.”;
- ✓ Ter “cuidado com o próprio corpo e dos colegas no contato com os suportes e materiais de artes.”;
- ✓ Ter “cuidado com os materiais e com os trabalhos e objetos produzidos individualmente ou em grupo.”

A utilização de instrumentos, materiais e suportes diversos para o fazer artístico, segundo o Referencial, só pode ser feito à partir do momento em que a criança já tenha condição motora para o manuseio.

As crianças de quatro a seis anos, o bloco destaca (1998, p.99-100):

- ✓ A “criação de desenhos, pinturas, colagens, moldagens a partir da utilização dos elementos da linguagem das artes visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura, etc.”;
- ✓ A “exploração e utilização de alguns procedimentos necessários para desenhar, pintar e modelar.”;
- ✓ “Exploração e aprofundamento das possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes, necessários para o fazer artístico.”;
- ✓ “Organização e cuidado com os materiais no espaço físico da sala.”;
- ✓ “Respeito e cuidado com os objetos, produzir individualmente e em grupo.”;
- ✓ “Valorização de suas próprias produções, das de outras crianças e da produção de arte em geral.”

4. ARTE NA ESCOLA

A arte na escola deve mobilizar as atividades que diversifiquem a formação artística e estética do indivíduo. Sendo assim as aulas de arte devem constituir-se em um dos espaços no qual as crianças possam exercitar suas potencialidades perceptivas, imaginativas ou fantasiosas e desenvolver a capacidade de procurar, descobrir as respostas, ao invés de aguardar as respostas e instruções do professor.

A aula de arte visa a favorecer e estimular as potencialidades e os processos criativos, bem como a propiciar uma vivência da experiência artística. Isso deve ocorrer num contexto que conceda ao aluno uma liberdade de ação que, por sua vez, leve ao desenvolvimento de uma amplitude emocional e intelectual, tanto ao nível individual como cultural.

Assim sendo, a aula de arte é vista como um espaço privilegiado ao desenvolvimento desse processo. O mau uso da arte-educação pode minar esse espaço.(FONGARO, 1991, p.13).

A aula de arte deve propiciar para os alunos a experiência de fazer formas artísticas; experiência de fruir formas artísticas; experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, fazendo com que o aluno compreenda o sentido do fazer artístico em suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar.

A educação estética e artística da criança, na escola, deve partir do pressuposto de que ela está inserida em um ambiente afetivo e social que irá desenvolver seu processo de socialização (ser e estar no mundo), conseqüentemente as aulas de arte podem ser pautadas então nesse contato que as crianças têm com a cotidianidade natural e cultural e no contato com as obras.

Nesse sentido, a aprendizagem de arte envolve fazer trabalhos artísticos, bem como apreciar e refletir sobre eles, envolve também conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e época.

A aula de arte visa favorecer e estimular as potencialidades e processos criativos, propiciando a vivência da experiência artística e concedendo ao aluno liberdade de ação, e o lúdico é de extrema importância para que ocorra esse processo.

O lúdico é essencial nas aulas de arte, pois as atividades lúdicas possibilitam o desenvolvimento da percepção, da imaginação, das fantasias e dos sentimentos, contribuindo assim para a apreensão dos conhecimentos

artísticos e estéticos pela criança. Ferraz e Fusari (1999, p. 84) ressaltam: “O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experienciar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético”. De tal forma é de grande importância a inclusão do brinquedo e da brincadeira como parte integrante dos métodos e procedimentos educativos de um programa de artes na educação infantil, essencialmente quando envolver a construção, a manifestação expressiva e lúdica de imagens, sons, falas, gestos e movimentos.

A arte tem um poder transformador que pouco tem sido explorado nas escolas. Segundo Leão (2008) a escola é o primeiro espaço formal onde se dá o desenvolvimento dos indivíduos, portanto é de grande importância o contato com o universo artístico e suas linguagens (artes visuais, teatro, dança, música e literatura) na escola, contribuindo assim para o desenvolvimento das crianças que ampliam seus olhares em relação ao mundo. Mas o que é perceptível atualmente é que o ensino da arte sempre fica em um segundo plano, conseqüentemente seu fazer é reduzido a uma mera atividade de lazer e recreação, sendo um processo extremamente mecânico e não um processo provocador, instigador da criatividade ou da capacidade crítica.

O ensino da arte e o seu fazer artístico não se limitam ao simples papel recreativo, festivo, mas devem ser compreendidos como instrumentos pedagógicos que contribuem para a criança ser capaz de: criar; atribuir sentidos; construir relações; contextualizar; analisar; e comparar aquilo que faz parte do seu ambiente natural e cultural através de uma linguagem única: a arte.

Fusari e Ferraz destacam:

A Educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais,

morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (2001, p.19).

O conhecimento da arte envolve:

- ✓ a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- ✓ a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;
- ✓ a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

A arte na escola deve objetivar levar o aluno a compreender o que se passa no plano da expressão e interação com a obra artística. Colabora para a inserção e entendimento do indivíduo, fazendo-o refletir sobre épocas e estilos.

Geralmente não objetiva a formação de artistas, mas deve encaminhar a formação do gosto, estimulando a inteligência e contribuindo para a formação do cidadão livre e consciente. Percebe-se que a arte pode ser exercitada dentro da educação com a manipulação dos elementos que constituem cada linguagem artística, mas sempre, tendo-se o cuidado de não reduzir a arte a um sistema de habilidades.

A arte na escola alimenta-se da interdisciplinaridade, já que, com o intercâmbio de conhecimentos forma-se uma base cultural capaz de gestar expressões artísticas genuínas.

Ferraz e Fusari (1999) destacam a importância do processo educacional no ensino e aprendizagem de arte na escola.

Quando praticamos o ensino e a aprendizagem da arte na escola surgem também questões que se referem ao seu processo educacional. Uma delas diz respeito aos posicionamentos que assumimos sobre os modos de encaminhar este trabalho em consonância com os objetivos de um processo educativo escolarizado que atenda às necessidades de cultura artística no mundo contemporâneo. Assim, se pretendemos contribuir para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética, é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente nas aulas de Arte e se mostre significativa na vida das crianças e jovens. (p.15)

4.1 O PROFESSOR

A infância é uma época de descobertas, aventuras e magias, na qual a criança cria, recria, experimenta, descobre e, nesse sentido, a arte é muito importante para esse processo de pesquisa, criação, imaginação, portanto o professor, por meio de sua prática pedagógica deve oferecer condições para que haja um bom desenvolvimento desses processos.

Quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de re-significar o mundo por meio da especificidade da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória significativa e imaginação criadora terá para formar consciência de si mesmo e do mundo. Desvelar/ampliar, como termos interligados, são ações que se auto-impulsionam, como polos instigadores para poetizar, fruir, conceituar e conhecer arte elaborando sempre novas relações com o já sabido. (MARTINS, 1998, p.8).

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. (BRASIL, 2001, p.19).

É preciso também que os professores organizem suas propostas de modo que a arte esteja presente não só nas aulas de arte, mas sim em todas as aulas, em todos os conteúdos e se mostre significativa na vida das crianças, trabalhando

o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, modelagem, música, dança, etc) sempre articulado e complementado com as vivências e apreciações estéticas da ambiência natural e também incentivando e não desencorajando a criatividade, contribuindo assim para a formação de cidadãos conhecedores da arte e para a melhoria da qualidade da educação escolar artística e estética.

[...] a criança está em constante assimilação de tudo aquilo com que entra em contato no seu meio ambiente; compete ao professor de Arte saber lidar com os fatos em sala de aula, constituindo a sua metodologia de trabalho. O que é observado e percebido nos passeios, nos caminhos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, nos programas de rádio e televisão, está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis. A principal tarefa do professor de Arte é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças. (FUSARI e FERRAZ, 1999, p.49).

Em qualquer idade a criança tem capacidade para vislumbrar as variantes formais, estruturais e cromáticas existentes no mundo do qual ela participa, portanto qualquer conceito estético ou artístico pode ser trabalhado a partir do cotidiano, tanto natural como cultural.

O educador precisa conhecer as nuances, os modos de a criança admirar, gostar, julgar, apreciar, bem como os de expressar-se em imagens, sons, gestos, objetos, enfim tudo o que está ao seu redor. Para isso o professor necessita saber quais são os componentes da natureza e da cultura local, regional e nacional que contextualizam a vida das crianças, através da observação, conversas com as crianças e com as pessoas que convivem com elas. Assim, através dessa preparação, o professor possibilitará um maior envolvimento de seus alunos e também conseguirá subsídios para planejar o desenvolvimento das aulas de arte.

O professor é o mediador de conhecimentos em arte e o articulador das vivências com os novos saberes a serem aprendidos. É necessário que o educador esteja atento às faixas etárias, para que assim ofereça os materiais, atividades e técnicas adequadas, para cada idade, cada aluno.

O professor deverá conhecer a variedade de opções existentes nos materiais artísticos e apresentá-las no momento apropriado. Todo material deve prestar sua própria contribuição, e se uma

tarefa pode ser realizada com mais facilidade, usando algum material diferente, então é porque o material artístico errado foi originalmente utilizado. O professor deve saber que cada criança precisa desenvolver sua própria técnica e que qualquer ajuda prestada por ele só poderá ser valiosa se proporcionar a oportunidade de maior conscientização e maior flexibilidade (LOWENFELD, 1977, p. 109).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), todos os professores de Artes deveriam responder às questões que fundamentam a atividade pedagógica, como o tipo de conhecimento que caracteriza a Arte e sua função na sociedade; a contribuição da Arte para a educação e o ser humano, além de definir como se aprende a criar, experimentar e entender Arte.

Porém a escola, apesar de tão preocupada com o desenvolvimento intelectual dos alunos, é em geral um espaço de produção aborrecido, onde o conhecimento é apresentado às crianças como algo cinzento e sem vida. O conhecimento é visto como objeto rígido que não pode ser penetrado com os instrumentos da emoção, da sensibilidade, da imaginação, da invenção, conseqüentemente prejudicando o entusiasmo das primitivas alegrias criativas.

Entretanto, diante das restrições às quais a arte é submetida nos programas educacionais, a função do professor, para além de ministrar aulas, tem sido o de criar na escola uma abertura ao diálogo, mostrando que a arte tem um sentido, um domínio específico, uma linguagem própria e uma contextualização histórica que lhe é inerente. Assim, legitimando seu papel, a escola precisa reconhecer que a sua competência inclui o educar para a capacidade de julgar, bem como, acompanhar e avaliar as atividades e as experiências de seus alunos.

Fusari e Ferraz (2001) colocam que cabe ao professor

[...] detectar os conteúdos fundamentais de arte que, de fato, contribuam para a formação de seus alunos. Os conteúdos escolares serão selecionados, portanto, a partir do conhecimento de arte, em seus aspectos universais, e das necessidades e direitos que todos os cidadãos têm de acesso, pelo menos ao que é básico dessas noções. (p.55)

Segundo Fusari e Ferraz (1999), o professor deve reorganizar suas propostas de forma que a arte esteja presente nas aulas de arte de maneira

significativa na vida das crianças, contribuindo assim para a formação de cidadãos conhecedores de arte e apreciadores estéticos. Sendo assim a escola deve mobilizar as atividades que diversifiquem e ampliem a formação artística e estética dos estudantes.

Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida. Conseqüentemente, ao compreender e encaminhar os curso de Arte para o desenvolvimento dos processos de percepção e imaginação da criança estaremos ajudando na melhoria de sua expressão e participação na ambiência cultural em que vive (FUSARI e FERRAZ, 1999, p.56 - 57).

A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos, como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais, faz-se necessário começar a educar o olhar da criança desde a Educação Infantil, lembrando que a infância é a época das descobertas, das aventuras e magias. Portanto, o professor deve oferecer condições que estimulem a criatividade, a pesquisa e a criação, fazendo com que a criança perceba e valorize os hábitos, costumes e o modo de pensar e agir de outros povos. Nessa perspectiva, o professor deve romper com o modelo estilista e erudito, ampliando sua formação. Espera-se dele uma mudança de olhar, um fazer pedagógico reflexivo, articulando sua vivência na escola e a busca por uma formação continuada para saber relacionar teoria e prática.

Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimentos ao aluno e serão mais eficazes como portadores de informação e sentido. O aluno, em situações de aprendizagem, precisa ser convidado a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir sobre elas. (BRASIL, 2001, p. 47-48).

O próximo e último capítulo trazem exemplos de algumas atividades compatíveis com a fundamentação teórica apresentada nesse trabalho, atividades

compatíveis com uma abordagem contemporânea e crítica acerca do ensino da arte para as crianças da educação infantil.

5. ATIVIDADES

O ensino das artes nas salas de aula, muitas vezes, não prima por uma aprendizagem significativa, para o desenvolvimento concreto sobre artes para as crianças da educação infantil, pois vários são os fatores que contribuem para esse problema de ensino, como por exemplo, a interferência do adulto na produção e representação da criança. Ao invés de as próprias crianças fazerem o trabalho, se expressarem, os adultos acabam fazendo por elas, interferindo na sua capacidade de produzir por si mesma, não deixando a criança expressar os seus sentimentos, seus gostos, suas peculiaridades. Gorsky (2010, p.35) salienta que: “Segurar a mão da criança e determinar o que deve ser produzido é algo inibidor e pode limitar produções futuras”.

Muitas vezes acabamos fazendo coisas que causam um grande efeito nas crianças, como dizer que azul é cor de menino, que menino não pode usar rosa para desenhar, enfim, acabamos estipulando o que deve ser usado, insistindo em valorizar o belo, comparar os desenhos das crianças, impedindo que essas crianças expressem o seu potencial, as suas impressões, as suas peculiaridades.

Por que os adultos interferem na produção e na representação da criança? Quando determinamos quais cores, que tipo de material, o que deve ser reproduzido, o que é belo, o que as garatujas representam, estamos condicionando um modo peculiar de produção. Ao limitar as possíveis representações das crianças será que também não estamos restringindo um futuro julgamento pelas artes? (GORSKY, 2010, p. 8).

Muitos professores não permitem que os meninos pintem com a cor rosa, e as meninas pintem com a cor azul, dizendo que rosa é cor de meninas e azul é cor de meninos, e isso muitas vezes parte dos próprios pais que estipulam isso para seus filhos e chegam a demonstrar isso para os professores que acabam então

fazendo a vontade dos pais, não permitindo assim que tal criança use determinada cor, por isso há a necessidade de os professores conversarem com os pais, de “enfrentarem” um debate franco e esclarecedor. Tanto quanto os professores, os pais devem ter a consciência de que a criança pode utilizar das mais variadas cores, deixando bem claro que não é a utilização de uma ou outra cor que implica na definição do gênero.

Pela produção pictórica as coisas nascem coloridas, nascem pela ação mesma da cor. A criança exercita as possibilidades lúdicas de poder escolher, a partir da ação provocativa da cor, a produção de mundos. Mundos afetivos. Por essa escolha, atinge a cor desejada, essa cor combativa, tão diferente da cor aceita, da cor copiada. (RICHTER, 2008, p. 50 apud GORSKY, 2010, p. 18).

Outro fator importante são as datas comemorativas, nas quais todo o ano é feita da mesma maneira, modelos prontos de coelhos para a páscoa, corações para o dia das mães, bandeirinhas para festa junina, desenhos de papai Noel, etc, enfim são representações encontradas com muita frequência nos murais escolares que além de ultrapassadas não têm significado algum para as crianças. E como são colocadas para a “apreciação” de todos, muitas vezes os professores insistem para que fique bonito, utilizando assim de moldes vazados, carimbo com as mãos das crianças, determinando qual a cor, não deixando a criança produzir, com a preocupação excessiva do resultado apresentado, em detrimento do desenvolvimento da autonomia e criatividade.

Nem sempre o adulto aceita a representação gráfica da criança, ele percebe apenas o que os olhos conseguem ver, não interpretam os rabiscos com algum sentido, apenas enxergam traços desorientados. O adulto não sabe que a criança pequena ao desenhar, como afirma Anning, usa o *desenho como instrumento para entender e representar importantes aspectos de suas próprias experiências pessoais e daquelas vividas das pessoas, dos lugares e das coisas.* (p.43, 2009). As crianças exploram as experiências individuais e representações da vida social através das narrativas ao desenhar. (GORSKY, 2010, p. 20).

Também é importante ressaltar que a representação do homem e da mulher é sempre evidenciada nestas datas, mas as famílias nem sempre são constituídas dessa maneira, assim, deve-se ter um olhar atento para a questão, não apenas da representação familiar, mas das datas comemorativas a ela vinculadas. Não são incomuns novos arranjos familiares, de forma que os trabalhos feitos para se presentear familiares devem considerar a realidade específica da criança.

Outra questão a que se deve estar atento é a da concepção de belo. O ideal de beleza veiculado, normalmente, nos espaços escolares, está vinculado à aproximação e semelhança que a produção gráfica estabelece com a realidade. Assim, esse padrão de “belo” é bem difundido nas escolas, e as crianças que fazem um desenho, ao ver dos adultos, bem feito, bem bonito, recebem elogios, o desenho é exposto para os demais, colocando-se em julgamento as representações das crianças, classificando-as em bonitas e não bonitas. Isso não apenas pode interferir no processo criativo dos alunos e estimular o espírito competitivo entre o melhor e o pior desenho, mas principalmente pode reprimir o desenvolvimento de potencialidades. Gorsky (2010, p.22) ressalta “A beleza esta nos olhos de quem produz mais no que no produto acabado. Perceber o quanto a criança se envolve na produção do seu desenho é mais importante do que considerá-lo bonito ou feio”.

Parece que há uma tentativa em estabelecer padrões de beleza através das produções das crianças. Mesmo que todos os desenhos sejam expostos em um lugar visível de fácil acesso, os considerados melhores serão fixados em posicionamento central ganhando maior destaque que os outros. E para quem é feito dessa maneira? Para satisfação do adulto, tanto um pai que se orgulhará da produção do filho, quanto uma professora. Mas quem decide o desenho em destaque?

Na verdade não estamos discutindo beleza, mas a relatividade da beleza, o que emociona um pode não parecer belo para o outro, a sensibilidade do olhar depende das experiências de cada um. Os alunos têm acesso à escola como uma identidade, uma biografia em construção, baseada em suas experiências de gênero, etnia e classe social com uma serie de noções sobre a autoridade e o saber, como descreve Hernández (p.141, 200). (GORSKY, 2010, p.23).

Dessa forma a educação estética deve ser vista como libertadora, e as manifestações infantis como produto de experiência, desenvolvimento e sensibilidade pessoal, pois a beleza não está no produto final, mas sim no processo, na descoberta de novas formas de linguagem, de expressão, de criação...

Conclui-se, então, que essas falhas corriqueiras, esses equívocos costumeiros com o trabalho de artes na educação infantil devem ser colocados em pauta e superados, pois quando não é dada a devida importância para essas questões da rotina escolar, perde-se a oportunidade de estimular o desenvolvimento e o processo criativo da criança, que tende a reproduzir aquilo que se torna agradável aos olhos do professor.

O educador deve reconhecer a necessidade de inovar e atualizar seus conceitos sobre Artes e planejar sua prática com mais sensibilidade. Esclarecer aos alunos, colegas e familiares que a criança apresenta habilidades e capacidades de desenvolver seus processos criativos de forma espontânea, é imprescindível. (GORSKY, 2010, p.36).

Para tentar quebrar com esses padrões normalmente utilizados na Educação Infantil, apresentamos alguns exemplos de atividades que fomentam o desenvolvimento da capacidade criadora da criança e que são compatíveis com a fundamentação teórica apresentada nesse trabalho.

Exemplos de atividades

1. Desenho: Fazendo Caretas!

O objetivo dessa atividade é de que a criança desenhe o seu rosto fazendo diferentes expressões, observando assim os olhos, boca, nariz, e expressando isso no papel (*fazer artístico*). Depois as crianças podem observar as diferentes expressões, quando estão tristes, alegres, assustadas, etc. (*apreciar*). O professor pode mostrar alguns desenhos do artista Rembrandt, e contar para as crianças

que esse autor gostava de praticar fazendo desenhos dele próprio, se olhava no espelho e desenhava o que via, fazendo assim um auto-retrato. O artista gostava muito de fazer caretas para si mesmo e de desenhar suas estranhas expressões, como chocado, assustado, irado ou feliz (*refletir*).

Materiais necessários: folhas grossas de sulfite ou papel cartolina em diferentes tamanhos, lápis grafite, espelho.

Processo: Cada criança terá um espelho que possa ser colocado de pé sobre uma mesa e algumas folhas para desenhar. O professor pode pedir que primeiro faça um desenho sem qualquer expressão facial observando o rosto no espelho calmamente, ficando o tempo que precisar. Depois faça uma primeira expressão no espelho e observe como ficam os olhos, a boca, as sobrancelhas e coloque isso no papel. Podem ser feitas várias “caretas” e depois observar como ficaram todas elas, havendo uma exposição dos desenhos.

2. Construção: Pessoas-robôs

O objetivo dessa atividade é de que a criança represente a construção de um robô com colagem (*fazer artístico*). Essa atividade pode ser feita em grupo, sendo que cada grupo criará um robô, e depois os grupos podem falar sobre como foi feito, o que o seu robô faz, deixando a imaginação livre e assim todos os grupos podem saber sobre os demais robôs feitos (*apreciar*). O professor pode também pesquisar sobre o artista Nam June Paik que construiu um robô em 1964, chamado de “Robot k-456”, uma arte máquina de controle remoto, que andava, falava e encenava. Trazendo para a sala de aula imagens das obras feitas por esse artista, como uma imagem obra, conversando com as crianças sobre o que acharam de construir um robô, o que acharam do robô feito pelo Nam June Paik, instigando os alunos a darem nome ao robô produzido, a pensarem sobre suas habilidades, mobilidade, etc (*refletir*).

Materiais necessários: catálogos velhos para cortar (especialmente de ferramentas, computadores e de aparelhos domésticos), folha de cartolina branca, tesoura e cola.

Procedimento: Os grupos irão folhear e escolher as figuras que querem para compor o robô. O professor deverá estar presente no momento do recorte das figuras. Depois as crianças irão colar essas figuras na cartolina branca para “construir o robô”, por exemplo: uma TV pode ser a cabeça, botões de telefone pode ser o peito, fazendo da maneira como quiseram, pois não existe uma forma certa ou errada de montar esse robô. Assim que os grupos terminarem o professor pode sugerir que se faça uma roda para a exposição dos robôs e assim gerar uma discussão.

3. Pintando a música

O objetivo dessa atividade é de que a criança expresse através da pintura quais foram os seus sentimentos perante a música (*fazer artístico*). Dessa forma as crianças podem observar as diferentes pinturas que fizeram (*apreciar*) e o professor pode contar sobre o artista Wally Kandinsky que achava que os quadros simples eram como as melodias e as pinturas complexas eram como as sinfonias grandiosas. Kandinsky era músico, além de pintor, e pensava nas cores como se fossem músicas. Ele chamava muitos de seus quadros de “improvisações”, o que significa uma música feita na hora, sem planejamento anterior. O professor pode pesquisar alguns dos quadros feito por esse artista e mostrar para as crianças, para que estas façam as suas impressões sobre essas obras (*refletir*).

Materiais necessários: aquarelas, guache ou tintas acrílicas, pincéis variados, papel cartolina ou canson, recursos musicais.

Processo: Selecione uma música especial (qualquer tipo de música serve para pintar, do rock contemporâneo ao jazz ou à música tradicional do mundo todo até

as canções infantis). Por exemplo: músicas de Vila Lobos e algumas de Tom Jobim para orquestra.

As crianças devem escutar a música por alguns minutos, pode colocá-las deitadas se quiser, para que fiquem bem relaxadas. Depois de escutar é deixar a imaginação fruir para pintar. Depois pode colocar outra música e fazer outra pintura. No final pode-se olhar para os diferentes resultados, das diferentes músicas.

4. Colagem colorida que conta uma história

Essa atividade tem o objetivo de que a criança conte, expresse uma história através da colagem feita com alguns materiais (*fazer artístico*). A criança irá decidir os materiais que irá utilizar, bem como o que as formas e cores do papel irão simbolizar (*apreciar*). O professor pode falar sobre o artista francês Henri Matisse que fez colagens em papel, brilhantes e alegres, em formas simples, tornando-se famoso como líder de um novo estilo de arte chamado Pós-Impressionismo, que mostrava uma nova forma de “pintar”. Parte do prazer de olhar para a obra de Matisse está em tentar entender quais histórias ele está tentando contar através de sua arte. O professor pode trazer algumas obras desse artista para que as crianças façam suas primeiras impressões.

Materiais necessários: pedaços de papel colorido (color set, cartão, laminado, espelho, pintado com os dedos e rasgado em retalhos), cola, tesoura, fita crepe adesiva e cartolina.

Procedimento: O professor poderá já deixar os papéis recortados em várias formas e tamanhos caso os alunos tenham dificuldade em manusear a tesoura, caso contrário as próprias crianças podem cortar como quiserem. Depois as crianças irão montar a sua história através da colagem dos papéis em uma cartolina. Depois que estiver pronto, cada criança pode contar a sua história e o

professor pode pedir para que as crianças tentem adivinhar o que outra criança tentou expressar em sua colagem.

5. Pintura com barbante

O objetivo dessa atividade é de que a criança explore e crie diferentes “desenhos” através da pintura feita com barbantes (*fazer artístico*). A criança poderá escolher a cor, a maneira como colocar o barbante no papel, observando assim as diferentes maneiras para pintar, os diferentes resultados (*apreciar*). O professor também pode mostrar para as crianças algumas obras do artista inventivo e lúdico Marcel Duchamp, que acreditava nos “males que vêm para o bem”, no estilo dadaísta de arte, sendo que uma das suas técnicas artísticas favoritas era deixar cair pedaços de barbante em uma folha de papel e depois registrar seus desenhos e curvas de várias formas e meios artísticos (*refletir*).

Materiais necessários: pedaços de corda ou barbante em vários comprimentos diferentes, não sendo muito grandes; pires, vasilhames, potes com guaches; folha grande de papel Kraft, cartolina ou color set, colada ao chão ou mesa com fita adesiva.

Procedimento: Corte alguns pedaços de corda ou de barbante em vários comprimentos diferentes. Coloque guaches de diferentes cores em vasilhames rasos. A criança irá colocar o barbante na cor que quiser e depois deixar o barbante cair no papel. Feito isso pode-se tirar o barbante e colocar um outro com uma nova cor, dessa forma a criança irá criando, manipulando da maneira como quiser. Depois é só deixar secar.

6. Colagem

O objetivo dessa atividade é de que a criança crie uma obra artística através de uma técnica de colagem feita com diferentes papéis (*fazer artístico*). A criança

poderá vislumbrar a sua criação no momento da colagem de cada pedaço de papel (*apreciar*). A professora pode falar sobre o artista que inventou essa técnica que foi Hans Arp. Arp acreditava na lei artística do acaso, inventou um novo tipo de técnica de colagem, onde rasgava o papel em quadrados e largava-os de cima, observando sua aterrissagem em uma grande folha de papel, onde eles formavam um desenho ao acaso. Arp nunca sabia onde os quadrados cairiam, mas gostava da surpresa de ver o que acontecia e de fixá-los com cola, como uma colagem. Pode também mostrar algumas obras desse artista para as crianças (*refletir*).

Materiais necessários: diferentes tipos de papéis (espelho, carta, baralho, papelão fino, revistas, etc); cola; folha grande de papel cartão ou color set.

Procedimento: Rasgue pedaços dos diferentes tipos de papéis. Depois coloque a folha grande de papel cartão e jogue um pedaço do papel rasgado, se preferir a criança pode subir numa cadeira, e cole-o onde ele cair. Continue jogando e colando os pedaços no papel onde eles caírem, até ficar satisfeito com a sua colagem. ¹

7. Escultura de argila

O objetivo dessa atividade é mostrar para a criança as “esculturas” que podem ser formadas com argila. A criança irá manipular a argila e moldá-la do jeito que quiser utilizando diferentes materiais, estimulando assim à imaginação, a criatividade, a descoberta (*fazer artístico*). Depois as crianças podem, se desejarem, expor suas esculturas e explicar o que elas representam, assim cada um pode ver o que o colega fez (*apreciar*).

¹ As atividades apresentadas até o momento foram selecionadas de KOHL, M. F. **Descobrendo grandes artistas a prática da arte para as crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2007

Materiais necessários: argila úmida, água e ferramentas para modelar – espátulas, esponjas, colheres, rolinhos, facas e garfos de brinquedos, forminhas, entre outros.

Processo: Cada criança terá um pouco de argila para manipular, e as ferramentas para modelar ficarão ao alcance de todos, para que assim a criança escolha a qual deseja. O professor deve sempre observar, mas não intervir diretamente na escultura da criança.

8. Enfeites feitos de tubos

O objetivo dessa atividade é fazer com que a criança crie um enfeite para cortinados que pode decorar, por exemplo, as paredes da sala de aula através da exploração de alguns materiais (*fazer artístico*). Dessa forma cada criança criará o seu enfeite e também poderá ver os enfeites das outras crianças, observando como foi feito, havendo uma exposição dos trabalhos (*apreciar*). Depois o professor pode mostrar para as crianças como existem diferentes tipos de cortinas, e que eles também fizeram um tipo de cortina utilizando materiais recicláveis (*refletir*).

Materiais necessários: tubos de papelão de papel toalha, papel de embalagem ou papel higiênico, canudos de refrigerantes de plástico, barbante ou um fio grosso, tesoura, formas grandes de papel para brigadeiro. Para decorar os tubos pode-se utilizar guaches, colar papel espelho, colar adesivos, retalhos, lantejoulas, entre outros.

Processo: Distribuir os tubos e os materiais decorativos para as crianças, explicando que irão confeccionar um enfeite para ser colocado na sala de aula. As crianças irão decorar com os seus materiais preferidos, e o professor deve ajudar quando precisar cortar algum material, como por exemplo, o canudo e o barbante.

9. Experimentos extravagantes de pintura com os dedos

O objetivo dessa atividade é de que a criança explore uma ampla variedade de ingredientes e materiais com os dedos e as mãos, transformando assim a pintura com os dedos em um laboratório de pesquisa artística (*fazer artístico*). As crianças irão misturar, melecar, espalhar, esfregar, observando o que isso irá fazer na pintura (*apreciar*). Dessa forma as crianças também podem definir qual ingrediente gostou mais para pintar, qual ficou mais bonito, entre outros (*refletir*).

Materiais necessários: jarras e pequenas tigelas, folhas grandes de papel, bandejas, recipientes vazios, palitos de sorvete, e os materiais a serem explorados – amido de milho dissolvido em água, aquarela, aquarelas líquidas, cola branca, corante de comida em pasta ou líquido, creme de barbear, farinha branca, farinha de bolo, farinha de trigo, gel colorido para cabelo, guache, solução para bolhas, loção ou creme de limpeza para pele, óleo de cozinha, pasta de dente, sal, xampu, entre outros.

Procedimento: As próprias crianças podem escolher as cores e os materiais que desejam experimentar, e o professor pode auxiliar no momento da mistura. Depois com os dedos as crianças podem começar a pintar, e fazer várias misturas com mais ingredientes. É divertido trabalhar sobre uma mesa grande que possa ser limpa mais tarde, ou então forrá-la. As crianças irão experimentar e criar várias pinturas de diferentes ingredientes.

10. Pintando com sapatos de esponja

O objetivo dessa atividade é de que a criança faça pintura utilizando o pé, e não a mão (*fazer artístico*), percebendo assim que existem vários modos, maneiras de pintar, criar (*refletir*). As crianças também poderão observar o que elas próprias criaram e o que fizeram os colegas (*apreciar*).

Materiais necessários: papel de embrulho ou Kraft grande; fita crepe; formas rasas e resistentes; esponjas grandes; velcro; guache.

Procedimento: Coloque folhas grandes de papel de embrulho no chão e prenda-as com fita crepe. Com o pedaço de velcro prenda as esponjas nos pés das crianças e coloque guache nas formas. A criança poderá escolher a cor que quiser para pintar, uma para cada pé, uma para os dois pés, e depois irá explorar sobre o papel, sendo necessária a ajuda de um adulto, pois essa é uma atividade escorregadia.

Pode-se também começar colocando apenas uma esponja, e também pode-se pintar com o pé descalço ou com outros materiais como: meias, botas, etc.

Essa atividade pode ser explorada de várias maneiras, para que desperte cada vez mais a curiosidade das crianças ao processo de produção e exploração das cores e formas.

11. Bolinhas de sabão

O objetivo dessa atividade é de que a criança através da brincadeira de sobrar bolinhas de sabão crie desenhos em um papel (*fazer artístico*). As crianças, a cada bolinha de sabão que cair no papel, irão observar o que se formou, o que se criou (*apreciar*) e também o professor pode questionar, indagar as crianças sobre esse processo de pintar, perguntando o que elas acharam dessa nova maneira de pintar, entre outras (*refletir*).

Materiais necessários: anilinas, detergente incolor, canudos, papel ofício e copos descartáveis.

Procedimento: O professor irá colocar um pouco de detergente com algumas gotas de anilina em um copo para cada criança e depois a criança irá molhar o canudo no copo e soprar sobre a folha de papel ofício, criando assim várias imagens, formas. Essa é uma maneira divertida de criar.²

² As atividades 7 à 11 foram selecionadas de KOHL, M. F. **O livro dos arteiros: arte grande e suja**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

12. Trabalhando com a mistura de cores

O objetivo dessa atividade é mostrar à criança que ela pode compor novas cores a partir das cores primárias (*fazer artístico*), e depois observar o produto final, o resultado dessa mistura, estimulando o potencial criativo para misturar mais cores e descobrir qual a cor irá formar (*apreciar e refletir*).

Materiais necessários: pequenos recipientes onde podem ser preparadas as cores (por exemplo, uma forma de gelo ou copinhos plásticos ou acrílicos que podem ser reaproveitados para outras atividades), água, corantes atóxicos (podem ser de comida) nas cores primárias, vasilhames para água limpa e pincéis.

Processo: a criança deve ter à sua disposição vários recipientes com água limpa, além de 3 recipientes com os corantes, previamente diluídos pelo professor. Sua tarefa será a de ir agregando os corantes nos recipientes com água limpa, criando novas cores e nuances cromáticas.

13. Rabiscar

O objetivo dessa atividade é que a criança explore os diferentes materiais para rabiscar em diferentes suportes (*fazer artístico*), explorando assim a sua criatividade. Observando os rabiscos nos diferentes suportes e com os diferentes materiais, apreciando os vários rabiscos, desenhos formados (*apreciar*), refletindo acerca desse processo, descobrindo novos materiais, novas formas de rabiscar, criar (*refletir*).

Materiais necessários: Instrumentos e meios para rabiscar – bastão, canetas hidrocor, carvão, esponja, giz de cera, giz de lousa, giz seco pastel, corante de comida, tintas e pincéis, cascas de ovo, cotonetes, graveto, entre outros.

Suportes para rabiscar – caixa de camisa, caixa de papelão, calendário velho, filtro de café, guardanapo, jornal, página de revista, pedra, tecido, qualquer tipo de papel, prato de papel, caixa de remédio, lixa, entre outros.

Processo: esses materiais devem ficar a disposição da criança para que ela escolha o material que quer utilizar e o suporte onde irá rabiscar. Rabiscando livremente utilizando a ferramenta escolhida sobre o suporte. O professor conduzirá as crianças para que possam experimentar os diversos materiais, oferecendo assim os materiais e os suportes e observando como as crianças desenvolvem essa atividade.³

14. Pintura com terra e cola

O objetivo dessa atividade é o de apresentar para a criança uma maneira diferente de se fazer tinta através da mistura de terra e cola (*fazer artístico*). As crianças irão manipular esse material, tocar, sentir, pintar, criar (*apreciar*) e também poderão refletir sobre esse processo, sobre como pintar sem usar necessariamente o guache, a tinta, e sim usando outros materiais, quais outros materiais podem utilizar para pintar, explorando assim a sua imaginação (*refletir*).

Materiais necessários: terra seca de jardim e cola, um pote e uma colher para misturar.

Processo: O professor pode pedir para a criança trazer um pouco de terra do quintal de sua casa. Cada criança irá misturar a cola com a terra, formando uma textura nem muito líquida e nem muito espessa, por isso o professor deve ficar orientando nesse processo. Depois do momento de mistura as crianças podem observar as diferentes tonalidades que surgiram devido à diferença da cor das diferentes terras trazidas por ela.

³ As atividades 12 e 13 foram selecionadas de KOHL, M. F. **Iniciação à arte para crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Depois de misturar as crianças podem pintar usando um pincel, ou a mão explorando assim a “tinta” formada pela mistura. Depois podem expor para os outros colegas a sua obra de arte feita de terra e cola.⁴

15. Expressão com o corpo

O objetivo dessa atividade é a expressão, a integração do grupo, dinâmica corporal global, representação verbal através do movimento (*fazer artístico*). Dessa forma as crianças poderão se divertir observando os seus colegas imitarem determinado som (*apreciação*).

Materiais necessários: duplas de crianças.

Processo: Separe os alunos em duplas: um aluno emite sons enquanto o outro responde imediatamente com o corpo/movimento ao som proposto, como se fosse um “boneco movido ao som”. Os dois exercem a criatividade neste caso, tanto quem faz o som, como aquele que a ele responde. Inverta os papéis e repita o exercício formando novas duplas. O professor pode exemplificar fazendo sons diferentes para estimular os alunos: sons estridentes, sons relaxantes, sons calmos, sons aflitivos. Ao final do exercício retorne à roda inicial para fechar a aula, propondo nova reflexão: Existiram dificuldades? Quais? Qual a preferência: fazer o som ou ser o boneco? Foi diferente fazer com uma dupla e com outra? O que foi diferente?

É importante que o professor observe os alunos durante todo o tempo, intervindo sempre que achar necessário: estimulando, dando apoio técnico, percebendo as dificuldades.⁵

⁴ Atividade selecionada do site <http://pt.scribd.com/doc/56593745/Expectativas-de-Aprendizagem-Em-Arte>

⁵ Atividade selecionada do site <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/dancando-gente-aprende-428215.shtml>

16. Atividade de percepção sonora com o filme “O som do coração”

O objetivo dessa atividade é de que a criança seja capaz de discriminar sons da natureza, da cidade e da sala de aula.

Materiais necessários: trechos do filme

- Cena que mostra o menino fugindo do orfanato em direção à cidade
- Trecho em que ele entra na cidade e começa a prestar atenção nos sons
- Cena em que o menino pega um violão e, sem nunca ter experimentado o instrumento, começa a tocá-lo.

Procedimento: Exiba os trechos do filme. Leve as crianças a um parque, um bosque, uma praça ou qualquer área verde próxima à escola para que escutem os sons da natureza e, depois, a algum local urbanizado, para que fiquem atentas aos ruídos das ruas. Volte para a sala de aula e peça para que as crianças contem o que ouviram, o que acharam diferente, quais sons gostaram mais, qual lugar mais apreciaram. Peça para que as crianças contem as suas experiências nesses ambientes. Destaque como vários sons às vezes passam despercebidos, como se fossem apenas parte do ambiente, e depois pode pedir para que as crianças façam um desenho sobre o som desses ambientes.⁶

17. Fotografia

O objetivo dessa atividade é o de que as crianças possam entender um pouco sobre a fotografia, através do contato com o mundo das imagens, tirando fotos (*fazer artístico*). As crianças também poderão apreciar as fotos que elas mesmas tiraram, as fotos de outros artistas (*apreciar*), e a professora poderá manter um diálogo que instigue a curiosidade das crianças levando-as a pensar sobre determinado assunto relacionado-o à fotografia (*refletir*).

⁶ Atividade selecionada do site <http://pt.scribd.com/doc/80660841/Atividade-de-percepcao-sonora-com-o-filme-O-Som-do-Coracao>

Materiais necessários: fotografias e máquina fotográfica.

Processo: Em um primeiro momento pode-se colocar várias fotos sobre uma mesa e deixar que as crianças observem, apreciem. Depois a professora pode pedir para que escolham apenas uma foto. Depois de escolhida a professora pode instigar a observação perguntando o que mais chama a atenção na imagem (é importante ouvir o que os pequenos falam, pois cada um estabelece uma relação diferente com o que vê). Depois a professora pode pedir para que os alunos façam um desenho daquela fotografia, e também pedir para que cada um conte sobre o seu desenho. A professora também pode explicar sobre as diferenças de registro gráfico (desenho) e fotográfico (fotografia), e também levar em consideração o conhecimento prévio que os alunos têm, perguntando o que é uma foto? O que faz um fotógrafo?

Em outro momento a professora pode deixar que as próprias crianças tirem as fotos, e depois de exibidas (digitalmente ou reveladas) questioná-las sobre os aspectos da foto, instigando assim a observação, apreciação e o julgamento.⁷

18. Fantoches de meias

O objetivo dessa atividade é de que a criança crie um fantoche utilizando uma meia e os enfeites que desejar (*fazer artístico*), e depois conte histórias, dramatize, explore o seu fantoche e também dos outros colegas (*apreciar*). O professor pode mostrar alguns fantoches feitos de outros materiais e também os fantoches que encontramos nas lojas, mostrando para as crianças os diferentes tipos que existem (*refletir*).

Materiais necessários: meias (cada criança pode trazer uma meia sua que não usa mais), cartolinas, lãs de várias cores, lantejoulas, cola, retalhos de tecidos, tesoura, entre outros.

⁷ Atividade selecionada do site <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/retrato-bairro-turma-429611.shtml>

Materiais necessários: meias (cada criança pode trazer uma meia sua que não usa mais), cartolinas, lãs de várias cores, lantejoulas, cola, retalhos de tecidos, tesoura, entre outros.

Processo: Cada criança irá enfeitar o seu fantoche da maneira como quiser, pode criar o que quiser: um menino, um cão, um foguete. O professor deverá ficar atento para ajudar a criança com a tesoura e com a cola. Depois desse momento, cada criança ficará com o seu fantoche e poderá contar, dramatizar uma história, inventar uma história, contar o que é o seu fantoche, enfim, deixando a imaginação se expressar.⁸

19. Teatro em sala de aula

O objetivo dessa atividade é de que a criança possa se expressar, imitar, imaginar, criar personagens e vivenciar situações que a estimularão a desenvolver sua percepção e imaginação, através da dramatização (*fazer artístico*) no qual as crianças podem experimentar novas emoções, identificar-se com os personagens e situações, exercitando a imaginação (*apreciar*). O teatro abre uma “cortina” para a vida, para o despertar da criatividade, das emoções e, principalmente, um espaço para o desenvolvimento integral das crianças, respeitando o tempo de cada um(*refletir*).

Materiais necessários: fantasias, materiais recicláveis, fantoches, dedoches, o que mais se achar necessário e estiver disponível.

⁸ Atividade selecionada da revista “Professor Sassá especial curiosidades” – Ano II nº15

Procedimento: Ao contar uma história o professor dá ênfase à narração, representando trechos da trama. Pode ser com objetos comuns (como lápis que podem ser soldadinhos, giz que pode ser um rei, etc.), fantoches, dedoches, jogos de sombra ou com os próprios alunos. O aspecto mais importante da história dramatizada é o convite às crianças para participarem da brincadeira de representar. Pode-se contar histórias e deixar as crianças incorporarem os personagens, como por exemplo: numa história sobre animais, deixar as crianças colocarem fantasias, explorarem materiais para imitar os bichos, deixando-as livres para se expressarem.⁹

20. Dança da cadeira

O objetivo dessa atividade é de que a criança consiga desenvolver a noção de espaço através da brincadeira de sentar na cadeira (*fazer artístico*). As crianças adoram essa brincadeira e ficam atentas quando a música para, e tentam buscar maneiras, opções de ficar em volta da cadeira, com o grupo (*apreciar e refletir*).

Materiais necessários: cadeiras e recursos musicais

Procedimento: As crianças ficam andando em volta das cadeiras (pode-se incentivá-las para que dançam ao mesmo tempo) e quando a música pára têm que sentar nas cadeiras. Depois retire uma cadeira a cada parada da música, mas não elimine as crianças que não conseguirem se sentar. A ideia é de que todos os participantes descubram opções de agrupamento em torno da cadeira e dos corpos dos colegas.¹⁰

⁹ Atividade selecionada do site <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/linguagem-teatral-pre-escola-educacao-infantil-teatro-imaginacao-mimica-545989.shtml>

¹⁰ Atividade selecionada do site <http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/linguagem-corpo-429693.shtml>

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão desse trabalho, observa-se que existem muitas atividades, maneiras, formas de inserir a arte para as crianças dentro da escola de uma forma significativa e prazerosa. Dessa maneira o ensino da arte desde a educação infantil necessita demarcar-se dentro de um processo sistematizado para que promova resultados reais e efetivos. A arte então não deve ser vista como meramente um produto estereotipado, copiado, festivo, como um acessório, mas sim como uma forma de complementar outras atividades e disciplinas, abordando assim técnicas, apreciações e criações.

É preciso então ter muito cuidado, conhecimento e maturidade na prática educativa, para que assim não dificulte, atrapalhe o processo de desenvolvimento infantil. Ressalto que é preciso haver uma prática educativa séria, renovada, consciente para que as crianças possam sentir-se motivadas a se desenvolver de forma livre e expressar-se sem imposições.

Também ressalto que há necessidade de uma postura crítica do professor em relação ao ensino da arte, para que seja mais que um detentor de conhecimento e de técnicas, mas também seja um ser provocador, motivador da busca pelo prazer estético, um estimulador da liberdade expressiva. Uma formação profissional adequada em artes, ou cursos de pós-graduação focando a docência em artes, seria um grande “passo” para a melhoria das aulas de arte, para a cultura, pois assim o professor pode ter a teoria, o conhecimento e adequar a sua prática pedagógica, tendo novos enfoques, novas possibilidades.

O que se observa na maioria das escolas de educação infantil é que não há um único profissional para a disciplina artes, mas sim um professor para as diversas atividades do dia, então faz a necessidade desse professor estudar, se especializar, se aprofundar no ensino da arte para que assim consiga dar novos enfoques, “brotar” novas possibilidades, permitindo novas vivências do mundo às crianças para que fiquem interessadas em desvendar os segredos.

Creio que o trabalho com arte dentro das escolas deve ser repensado, valorizando o desenvolvimento infantil, dessa forma o professor deve estar

preparado e saber como trabalhar a arte em sala de aula de uma forma significativa para as crianças, valorizando a criatividade, o potencial de cada aluno, e tomando muito cuidado para não acabar “caindo” nos erros, nos equívocos costumeiros com o trabalho em artes. Por isso esse trabalho apresentou algumas atividades que fomentam o desenvolvimento da criatividade nas crianças.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, T. C. B. **A importância da arte-educação na educação infantil.** 2010. 66f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2010.

BARBOSA, A. M.; WILSON, B.; THISTLEWOOD, D; EISNER, E.; WILSON, M.; STOKROCKI, M.; SMITH, R.; OTT, W. R.; LANIER, V. **Arte-Educação: Leitura no subsolo.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, A. M. (Org.) **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. ed, Brasília: A Secretaria, 2001.

BUORO, A. B. **O Olhar em Construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** - 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001

BRITAIN, W. L.; LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: editora Mestre Jou, 1977.

CAVALCANTI, Z. **Arte na sala de aula.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino de Arte.** São Paulo: Cortez, 1999. 2. ed.

FERRAZ, M. H. C. de T.; FUSARI, M. F. R. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2001.

FONGARO, M. L. S. T. **A aula de arte. Uma reflexão sobre seu processo.** 1991. 201f. Dissertação apresentada à Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em artes. São Paulo, 1991.

GORSKY, M. S. **Atividades e Artes na Educação Infantil: Inquietações de uma professora.** 2010. 37f. Trabalho de do curso de especialização em pedagogia da arte – Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

KOHL, M. F. **O livro dos arteiros: arte grande e suja!** . Porto Alegre: Artmed, 2002.

KOHL, M. F. **Iniciação à arte para crianças pequenas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

KOHL, M. F. **Descobrimo grandes artistas a prática da arte para as crianças.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, M. C. **Didática do ensino de artes, a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FDT, 1998.

PILLAR, A. D. P. **Desenho e construção de conhecimento na criança.** Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

PILOTTO, Silvia Sell Duarte. **As linguagens da arte no contexto da educação infantil.** In: PILOTTO, Silva Sell Duarte (org.). *Linguagens da arte na infância.* Joinvile-SC: UNIVILLE, 2007.

UNICSUL. **Arte na escola.** In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O PAPEL DA ARTE NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DA CRIANÇA E DO JOVEM, 1., 1995, São Paulo. *Anais...*São Paulo: UNICSUL, 1995, p. 5 – 440.

VYGOTSKY, L. S. **A Imaginação e a Arte na Infância.** Lisboa: Relógio D' Água Editores, 2009.